



# A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — Ismael Pimentel

Redacção e Administração

Proprietário e Director — H. Marques

CAIS DO SOBRÉ, 88

Tip. R. Poço dos Negros, 81

LISBOA — PORTUGAL

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

## O QUE VAI PELA RÚSSIA

Mais tarde poderemos saber — ou procurar saber — a parte que nas dificuldades actuais da revolução russa tem cada uma das séries de factores adversos: a crise económica multiforme causada pela guerra; a hostilidade e a boicotagem da parte de todos os governos; o escasso desenvolvimento industrial do vasto país; os erros e desvairamentos dos próprios revolucionários, ou daqueles que se apoderaram da força mais representativa aos olhos do mundo.

Todos esses factores, aliás, se encaixam e se determinam reciprocamente, mas o que neste momento sobressai, através das escassas e contraditórias notícias da imprensa amordaçada ou parcial, é o empenho pôsto pela burguesia mundial em extinguir o perigoso foco incendiário.

São de um lado os impérios centrais, em nome duma hipócrita «independência nacional», acudindo ao apêlo das burguesias fronteiriças — finlandesa, lituânia, polaca, ucraniana, romena, — instalando protectorados seus, e procurando circunscrever, assediar, estrangular a revolução. São do outro lado os Aliados, os Estados Unidos, o Japão, apoiando francamente a contra-revolução em nome da Liberdade e jurando sôbre os Evangelhos da Democracia que não interveem nos negócios internos da Rússia: vão apenas... endireitá-los, salvando a «ordem»!

A revolução russa está, pois, cercada por todos os lados, tem inimigos em todos os pontos do horizonte.

Esperemos que ela — tam merecedora das iras dos dirigentes, por ser uma verdadeira revolução — saiba sus-

citar as energias necessárias para a defesa, não tomando à letra nem seguindo à riscá a doutrina escorregadia sustentada por Lénine perante os *Sóviets*, no discurso do qual reproduzimos um trecho no número passado. A retirada e o oportunismo, para evitar a morte, podem conduzir ao suicídio de facto, e pior ainda, ao suicídio moral, que destrói uma fecunda influência, muitas vezes multiplicada por uma morte heróica. Os *Sóviets* parecem ter compreendido isso perfeitamente, repellido a ideia duma aliança com quaisquer imperialistas e proclamando que a revolução se baterá sózinha, na «nova frente da revolução mundial», contra todos os imperialismos e burguesias, como outrora os *sans-culottes* contra «os reis conjurados».

Mas há outro perigo, e mais grave ainda. A ameaça do inimigo exterior e da contra-revolução, se a revolução não se estende a outros países, favorece o desenvolvimento do militarismo e do jacobinismo internos, no seio da própria revolução, como sucedeu em 1793. O novo «governo revolucionário» tornar-se há cada vez mais um governo como os outros, por mais sincera que seja a paixão renovadora dos seus membros; a opposição fiscalizadora sentir-se há coacta perante o perigo iminente e a urgente necessidade da defesa; o *Terror* criará ódios, cansaços e revoltas.

A resolução adoptada, em fins de Julho, na última sessão da Comissão Central dos *Sóviets* de Moscóvia e organizações operárias, à qual assistiam 2.000 delegados, pode bem causar apreensões. As suas conclusões são as seguintes:

«1.º — A pátria socialista está em perigo.

«2.º — A grande tarefa da hora actual é a defesa contra os checo-eslovacos e a importação de trigo.

«3.º — Deve fazer-se a organização mais poderosa possível das massas operárias para aclarar a situação presente.

«4.º — Renovar a vigilância sobre a burguesia contra-revolucionária, evitando que o Governo dos Sóviets se veja ameaçado pelas costas, devendo para tal fim praticar-se contra a burguesia o regime do terror.

«5.º — A divisa de todos tem que ser: vencer ou morrer; a importação de farinha para ter pão; a instrução em massa das tropas, e a união de todos os esforços para a luta contra a burguesia anti-revolucionária».

O perigo externo das burguesias de todos os matizes; o perigo interno da contra-revolução; o perigo mais interno ainda, íntimo, do jacobinismo, maneando o terror, arma de dois gumes, em geral aplicada tanto à contra-revolução como aos que pretendem empurrar a revolução mais para a frente — aos herbertistas, aos Cloots — o «Orador do género humano», aos Babeuf, — todos esses perigos, seria pueril ocultá-lo, são sem duvida enormes. Mas não desesperemos.

Sem necessidade de forjar grandes ilusões, afoitamo-nos a asseverar que os inimigos da revolução não marcham tampouco sobre tapetes de rosas, nem se acham livres de preocupações intestinas. Na Ucrânia, por exemplo, há uma revolta aberta de camponeses. E esperemos que a revolução caminhe sempre e saiba encontrar sempre novos entusiasmos, sempre novas energias.

Contra o jacobinismo há felizmente um antídoto em acção: é o próprio movimento íntimo, directo, popular da revolução, essa força indomável que, uma vez em liberdade, cresce, e se expande, e se multiplica.

Em 27 de Janeiro, publicava a imprensa um telegrama significativo: «Das conversas que um correspondente teve com vários delegados ao congresso de todos os Sóviets da Rússia depreende-se que os próprios povos, por meio duma verdadeira rede de municipalidades, Sóviets provinciais e sociedades cooperativas, é que estão tratando de

resolver o problema da terra; e outros Sóviets, sem fazer caso de quem governa em Petrogrado, só aceitam os decretos e ordens do governo maximalista quando se adaptam a necessidades locais. Os povos da Rússia tentam agora constituir um governo de baixo para cima. Não há nenhuma autoridade central capaz de ditar, nem sequer de inspirar um princípio.»

E fechamos com este insuspeito depoimento sobre a grande força criada nas revoluções. O «governo maximalista» não é a revolução russa.

## MÁXIMO GÓRKI

Na incerteza e constante contradição das notícias vindas da Rússia, deixaremos ainda esperar que seja falsa a da morte do grande romancista, do grande cantor socialista dos miseráveis?

Os jornais também haviam noticiao, dias antes, a sua prisão. Depois, não a confirmavam, nem no próprio anúncio do falecimento. Nem se desmentiam, é claro... Esperemos também que seja uma invenção malévola. Seria mais um acto de desvairamento jacobino, bem pouco de desejar — por amor da revolução russa, não dos bolxevikes.

Que razões terão levado Górkí à sua última atitude contra os bolxevikes? Puro sentimento de artista contra as violências? Convicção raciocinada do mal de toda e qualquer ditadura? Temor ante a marcha rápida da revolução, como o do mágico timorato ante as poderosas forças desencadeadas? Não sabemos. Aguardemos o conhecimento mais completo dos factos.

A biografia interessantíssima do grande escritor é bem conhecida; as suas obras estão bem divulgadas, aliás em péssimas traduções. Entretanto, os nossos leitores terão sem dúvida ocasião de ler ainda, nas nossas páginas, trechos da sua vida e da sua pena evocadora e fecunda, além dos que já tivemos ocasião de publicar.

Os Bastidores das Guerras por Krapotkina, 100 exemplares, 2\$10 — 1 exemplar, 3 centavos.

## DOCUMENTOS DO PASSADO

## A Internacional na Espanha

## Declaração

Faltaríamos ao dever que nos é imposto pela nossa própria dignidade e pela grandeza mesma da causa que defendemos, se no actual momento, em face do perigo e sob as ameaças da perseguição, não proclamássemos altamente as nossas opiniões, os nossos princípios, as nossas aspirações tôdas; que o triunfo das grandes ideas deve-se, mais ainda do que á sua própria justeza, ao vigor e inteireza dos caracteres que lhes dão vida.

Ao fundar *La Emancipacion*, razões de conveniência para a Associação de que formamos parte aconselharam-nos a não nos apresentarmos ostensivamente com o carácter de órgão official duma secção ou federação determinada: aspirávamos a defender as doutrinas e os interesses gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores, e para este alto fim se teem dirigido até hoje os nossos humildes esforços. Mas a Internacional, com escárnio do direito e menosprêzo da justiça, acaba de ser declarada fora da lei, aparentemente dissolvida a sua admirável organização, e os seus membros ameaçados com todos os rigores dum poder sem freio. Chegou, pois, a hora de desfraldarmos ao vento da reacção a bandeira da Internacional.

Em face do mundo o declaramos, e sobretudo em face dêsse governo despótico: somos internacionais.

Professamos tôdas as doutrinas proclamadas e defendidas pela Associação Internacional dos Trabalhadores.

Queremos a abolição de todo e qualquer poder autoritário, quer revista a forma monárquica, quer a republicana, pouco nos importa.

Em seu lugar, estabeleceremos a livre federação de livres associações agrícolas e industriais.

Queremos a transformação da propriedade individual em propriedade colectiva. Por propriedade colectiva entendemos os instrumentos necessários á produção, como terras, minas,

caminhos de ferro, navios, máquinas de tôdas as espécies, ferramentas de diversos géneros, valores monetários, etc., os quais só poderão pertencer á sociedade inteira, e cujo usufruto será por esta confiado às associações operárias, incumbidas de os fazer produzir.

Queremos o ensino integral para todos os individuos de ambos os sexos, afim que, cessando o monopólio que da sciência exercem hoje as classes privilegiadas, desapareçam as desigualdades ficticias que êle produz.

Queremos que no futuro todos os individuos possam aceitar livre e conscientemente o meio social que se estabeleça, não havendo já uns seres destinados á vida do gôzo, do mando e da intelligência, nem outros condenados ao embrutecimento e á servidão.

Queremos que, immediatamente depois duma revolução, as associações agrícolas tomem na devida forma posse de tôdas as propriedades que não sejam cultivadas por seus actuais donos, ou que tenham pertencido às populações como logradouro publico, declarando-se todos estes bens de propriedade comum, como instrumentos de trabalho.

Queremos da mesma forma que as associações industriais possam trabalhar imediatamente por sua conta, entrando logo na posse, como usufructuários, dos instrumentos indispensáveis para o seu trabalho.

Queremos, numa palavra, que o operário viva e que trabalhe o parasita, que acabe o monopólio, exercido por poucos, do que a todos pertence; que se estabeleça a igualdade, que cesse o espantoso antagonismo de classes, gerador perpétuo de desordens; que se funde a harmonia e a paz; que reine a justiça.

A estas reformas fundamentais subordinamos tôda a acção, todo o movimento político; só com a condição de as estabelecer é que iremos no seu dia á luta armada, já que nos expulsam do largo e aberto campo da associação; porque, repetimo-lo, o nosso ideal é a justiça, e é necessário, fatalmente necessário, que a justiça se realize no mundo, e porque estamos intimamente convencidos de que a transformação económica que reclamamos é

condição indispensável da consolidação das liberdades políticas, que de outro modo serão sempre instituições transitórias à mercê dos poderes autoritários.

Tal é o programa que temos em mente continuar desenvolvendo nas colunas de *La Emancipación* e até vê-lo realizado empregaremos tôdas as nossas forças. Prepare-se o govêrno de Amadeu de Sabóia para nos arrancar violentamente a pena das mãos, como violentamente nos privou do direito de associação, pois prometemos de modo solene não lhe deixar um instante de repouso, nem recuar um ponto na luta desigual para a qual o poder nos provoca.

Se nela sucumbirmos, teremos cumprido com o nosso dever, e isso nos basta.

*Pelo Conselho de Redacção*

O Secretário — ANSELMO LORENZO  
«La Emancipación», Madrid, Janeiro de 1872.

### Candidaturas de protesto (\*)

Os nossos camaradas de Roma apresentam a candidatura do nosso amigo Luis Galleani, que está no «domicílio coacto», e parece que noutros lugares se levantarão outras candidaturas de protesto.

Difícil e penoso nos é dizermos, clara e francamente, a nossa opinião. Quando homens que estimamos e apreciamos, e que muito teem feito e mais hão-de fazer ainda pela nossa causa, se acham na cadeia ou no domicílio forçado e é proposto um meio de os pôr na rua, ¿como há-de a gente dizer, por mais ruim que seja o meio: «Não; deixai-os ficar lá dentro!»

Entretanto, violentar-nos hemos e falaremos com inteira franqueza. Se alguém nos achar intransigentes demais, que no-lo perdoe, tendo em vista que na cadeia e no «coacto» também nós temos estado, que estamos sempre expostos a voltar para lá, e que podemos tomar a liberdade de ser severo com os outros porque temos a cons-

ciência de que o saberíamos ser connosco. Quanto aos amigos candidatos, sem dúvida no-lo perdoarão, pois saberão avaliar os nossos motivos: de alguns deles sabemos até que se acham completamente de acôrdo connosco sobre o assunto.

A candidatura-protesto, especialmente quando se está certo de que o eleito de nenhuma forma quererá exercer as funções de deputado, não é em si mesma contrária aos nossos princípios e nem sequer à nossa tática; mas é em todo caso uma porta aberta ao equívoco e às transacções. É o primeiro passo por um declive escorregadio, no qual a paragem é difícil.

Logo para começar, se se pretende votar por um candidato de protesto, é preciso ser eleitor; portanto, não tem a gente outro remédio senão inscrever-se, e quem se não inscreve não passa dum desleixado que descure os meios de alcançar os seus fins. Mais um passo, um pequeno passo, e diremos nós também, imitando os socialistas: «Não é bom anarquista quem não se inscreve como eleitor».

E quando se está inscrito e não se tem à mão um candidato de protesto, é forte a tentação de ir votar da mesma forma... para fazer favor a um amigo ou birra a um adversário. Somos todos homens e não custa nada ir deitar uma lista numa urna. Que o diga a experiência.

Depois vem a questão da conduta do eleito. Ouvis Merlino? Já está a meter a cunha na racha do raciocínio, dizendo-vos: «Tirado Galleani do domicílio forçado pela eleição a deputado, terá êle que renunciar, para ser enviado outra vez para o «coacto», e para vos divertirdes a arrancá-lo de lá novamente?»

Estamos certos de que Galleani, a ser eleito, não poria os pés em Montecitório (\*), ou só lá os poria por um instante para cuspir o seu desprezo na cara dos deputados; mas a razão desta vez está, ainda assim, da parte de Merlino. E depois, teriam todos a força de ânimo que conhecemos em Galleani?

(\*) Veja-se o n.º de Agosto, a nota da página 116. Damos agora este artigo, não só como documento valioso para a história das ideias, mas ainda por se prender à crítica feita à acção de Cipriani.

(\*) É o Sam-Bento romano.

As candidaturas de protesto restituiram-nos um ou outro camarada, e sinceramente folgamos com isso. Mas não podemos ocultar que causaram um mal enorme ao nosso partido.

A candidatura de Cipriani, por exemplo, conseguiu libertar Cipriani; mas foi ele também que instilou o parlamentarismo na Romanha e escangalhou a organização anarquista daquela região.

Com isto não queremos censurar os camaradas de Roma. Pelo contrário, compreendemos e apreciamos os seus motivos generosos. Só nos lamentamos de que o nosso partido esteja em tão tristes condições que outra coisa não possa fazer em prol dos nossos proscritos senão recorrer ao meio fraco e perigoso das candidaturas de protesto.

Trabalhem, propaguem, organizem, e depois poderemos obter em favor dos nossos manifestações da opinião pública bem mais significativas e bem mais eficazes do que as eleições.

(*L'Agitazione*, 14-3-1897).

## Ainda a propósito de Cipriani

Já que começámos a desenterrar discussões que permitem conceber a figura generosa e valente de Amílcar Cipriani, — um verdadeiro tipo no seu género, — vamos continuar, em vista do interesse despertado, não só pelo estudo desta típica natureza de homem, mas ainda pela fisionomia dos acontecimentos em que andou envolvido, das críticas e entusiasmos que suscitou e dos seus críticos e entusiasmas enfim.

No número de Julho, fizemos referência à sua heróica intervenção na luta travada pela libertação de algumas regiões gregas, após a insurreição da ilha de Cândia ou Creta. Na mesma empresa tomou parte um punhado de republicanos, socialistas e anarquistas italianos, entre os quais o socialista José Ciancabilla, que, de volta da Grécia, se fez anarquista, após uma discussão com Malatesta; Comunardo Braccialarghe, agitador anarquista milanês, que mais tarde... fez contravapor; o camarada Alexandre Cerchiai, actualmente no Brasil. Lá per-

deu a vida o anarquista João Capra, ficando feridos outros, como Corradetti, Cairoli, Mazzioli.

Naturalmente, o nome de Cipriani encheu-se de prestígio, e, naturalmente também, cada partido avançado procurou reivindicá-lo como seu, com sérios fundamentos, facto que ajuda a traçar o perfil do homem.

Assim, o *Vorwaerts*, o órgão central da antipática social-democracia germânica negava que o herói fôsse anarquista e proclamava-o todo do seu partido, contra o que protestaram os anarquistas berlinenses em *Der arme Konrad*, reproduzindo a carta aos delegados do congresso marxista de Zurigo (1893), na qual Cipriani, indignado com a expulsão dos anarquistas, se solidarizava com estes e abandonava com estrépito aquele convénio.

Razão completa, porém, nem uns nem outros a tinham. É certo que havia melhor prova de adesão explícita ao anarquismo no facto de Cipriani ter tomado parte activa no congresso anarquista de Capolago; mas a verdade é que o garibaldinismo lhe estava na massa do sangue, irredutivelmente. E a corroborar este velho juízo de Malatesta, encontramos sob a pena dum socialista, a propósito da morte do velho revolucionário, este retrato recente (*L'Avvenire del Lavoratore*, número de 18 de Maio último):

«Durante uns bons sessenta anos, Amílcar Cipriani foi sempre «vermelho», porque detestava os «negros»; foi socialista porque odiava o Vaticano, porque maldizia o Quirinal! Foi sobretudo e antes de tudo um revolucionário por temperamento e por acção. A liberdade era o seu símbolo, pela liberdade dava a sua vida, que estava à disposição de todos os povos oprimidos, sem excepção de nenhuma espécie.

«Garibaldi foi e ficou sendo para sempre o seu Guia espiritual.

«Foi rebelde por natureza, foi guerreiro por paixão contra qualquer tirania nacional e internacional. A sua espingarda estrepitava contra os austríacos, quando pisavam o solo e as liberdades italianas. A sua espada vibrava golpes mortais no Poder Temporal dos Papas. Pôs-se ao lado dos

comunardos de Paris contra o bárbaro furor dos versalheses. Correu aos campos de batalha de Domokos em favor da independência nacional grega. E se é bem certo que, em melhores condições físicas, teria combatido os alemães de arma em punho, é igualmente seguro que, permitindo-lho a saúde, não teria deixado de correr às armas com não menor entusiasmo para defender em Petrogrado a revolução maximalista.

«Foi um desses socialistas de acção, que não queriam nem podiam distinguir muito bem as diferenças teóricas. Saiu furibundo do Congresso socialista internacional de Zurigo (1893) por solidariedade para com os anarquistas, com a mesma facilidade, a mesma impulsividade com que estava disposto a rejeitar a sua candidatura política no segundo círculo de Roma (1913), só porque os jovens socialistas lhe tinham exigido a sua profissão de fé antimacagónica.

«Amflear Cipriani não sofria disciplina de partido nem de classe. Foi antiparlamentarista na Itália e parlamentarista em França. Combatia os reformistas italianos e não fugia de colaborar com os reformistas franceses e até com os republicanos burgueses de Paris. Mas nunca o poderão acusar de ter procedido por interesses que não fossem idealistas.»

Em 1897, por ocasião da insurreição cretense e da guerra greco-turca, publicava-se em Ancona o memorável semanário anarquista *L'Agitazione*, que Malatesta redigia, incógnito.

É às colunas desse jornal que vamos agora buscar as «páginas velhas», deste número e dos mais próximos, comentando os acontecimentos e a acção de Cipriani e tratando assuntos que se prendem com a discussão de 1889, reproduzida nos últimos números da *Sementeira*.

Achamos extremamente interessante e útil, não só para a história e definição das nossas ideias, mas para a apreciação de factos e atitudes presentes, o confronto de dois tipos tão característicos e representativos, como são Cipriani e Malatesta, o confronto de duas concepções da acção revolucionária e de duas maneiras de agir.

Malatesta podia sentir-se perfeitamente à vontade na crítica, pelo seu passado, por todos os actos da sua vida. Idealista também, romântico mesmo nas suas horas, reconhecendo e confessando corajosamente os seus erros ao descobri-los, tirando deles o maior e melhor proveito, igualmente homem de acção e excelente organizador, Malatesta é ao mesmo tempo um teórico e raciocinador sereno, cheio de senso prático, encarando com olhos límpidos os acontecimentos e não se deixando afastar facilmente do bom caminho.

Daremos os artigos pela sua ordem cronológica.

## PÁGINAS VELHAS

### «Pró Cândia»

Cândia insurgiu-se contra o dominador turco; a Macedónia está prestes a sublevar-se, e dentro em breve, talvez toda a península balcânica esteja em chamas.

¿Que devemos, que podemos fazer nós perante estes acontecimentos?

Alguns socialistas e alguns anarquistas puseram-se a caminho de Cândia; e de todas as partes nos chegam notícias de camaradas que desejariam partir e que são retidos apenas pela falta de meios.

Temos a mais profunda simpatia por estes generosos, e folgamos particularmente que os socialistas, que soem taxar-nos de sentimentalistas e de românticos, não sejam afinal, postos à prova pelos factos, aquelas fórmulas algébricas que quereriam parecer, e tenham entranhas de homem, e compreendam que o homem vive, e se agita, e sofre, e se entusiasma mesmo por coisas que se explicam mal com as teorias de Marx.

Mas aos nossos camaradas devemos entretanto dizer o que nos dita a razão.

Os gregos não querem ser dominados pelos turcos e teem razão às camaradas. Querem passar para o domínio do rei da Grécia e... oxalá lhes não aconteça o que aconteceu a certos italianos.

Mas nós, se pudéssemos levar auxi-

lio eficaz aos insurrectos, deveríamos fazê-lo em nome das nossas ideas, que abraçam e compreendem tôdas as questões menores; deveríamos lutar para que aqueles povos tivessem a liberdade verdadeira de escolher o seu destino. Não poderíamos, porém, ser soldados do rei, não poderíamos aceitar antecipadamente a responsabilidade de tôdas as vexações, de que serão vítimas os cretenses e os outros da parte da burguesia grega e que, temos disso a certeza, hão-de muitas vezes provocar saudades do turco.

Agora, Cândia já está fora de discussão. A ilha acha-se em poder das tropas riais da Grécia e das forças da Europa coligada. O seu destino está nas mãos da diplomacia: a constância dos insurgentes pode proporcionar ao rei da Grécia ocasião para se manter firme e obter a anexação; mas a intervenção, dado que seja permitida, de poucos voluntários estrangeiros não pode ter pêso algum. O heroísmo dos nossos camaradas seria certamente inútil, e poderia mesmo sair um heroísmo barato, reduzindo-se a uma simples viagem de recreio.

Aonde se deveriam dirigir hoje os voluntários seria à Macedónia e ao Epiro.

Mas seria necessário que fôssemos em número e força tais que pudéssemos ter uma política própria. Se não, sendo poucos, misturados com os bandos gregos, sem conhecer a língua, não só havíamos de fazer o jôgo do rei da Grécia, mas teríamos até que assistir impotentes às inevitáveis matanças de camponeses turcos; porque, convêm não nos esquecermos, ali, além do ódio contra o opressor que nós também sentimos, há o ódio de raça e de religião, com o qual nada queremos.

Digam-nos os nossos amigos: se se tratasse de ir *libertar* Trieste, iriam eles mesmo no caso de só o poderem fazer alistando-se ao serviço do rei, ou de Imbriani?

Pôsto o que dissemos, parece-nos que nas condições reais, nossas e de lá, nada podemos fazer.

Consolemo-nos. Temos tanto que fazer, se quisermos, contra os turcos da Itália!

Outro dia, o *Corriere della Sera* seria um telegrama concebido desta forma.

«Funcionou hoje em Cândia o primeiro Tribunal grego. Tratava-se de julgar um insurrecto, réu de ter roubado uma espingarda. Embora se tivesse provado que o acusado cometera o furto para se servir da arma nos recontros com os turcos, foi o insurrecto condenado.»

O jornal milanês não ajuntava uma palavra de comentário, o que, digamos a verdade, em nada nos admirou. Os liberais e os bem-pensantes de hoje em dia, os mesmos que ontem, em nome da liberdade e do direito espesinhados, se puseram à testa das manifestações em favor da Cândia sublevada, teem no fundo tal conceito da justiça, da liberdade e do direito, que nós, com uma palavra de actualidade, lhe poderíamos chamar turco.

Observe-se o que succede em nossa casa, nesta Itália onde desfrutamos tôdas as liberdades e direitos que no conceito da lei deveriam fazer do povo italiano o mais feliz dos povos passados, presentes e futuros.

Na prática, porém, acontece-nos o que amanhã aconteceria a Trento e Trieste, se à mãe pátria se unissem, ou a Cândia, se conseguisse a suspirada anexação à Grécia.

Dá-se com o povo, escreve Balzac, o que se deu com Sancho Pança, o escudeiro de D. Quixote, no dia em que foi feito rei daquela ilha em... terra firme. Rei, sim; mas mal se dispunha a exercer a sua soberania, havia ali alguém sempre pronto para lho impedir.

Eu, operário, tenho com efeito direito aos frutos do meu trabalho, mas não obstante isso, no fim da semana, reparo que o melhor do ganho realizado foi parar às algibeiras do patrão.

Concederam-me o direito de associação, mas lá veem as dissoluções forçadas, e por trás destas, o espectro do Código penal. Mais: é-me lícito juntar-me em público a cem, duzentas e até mil pessoas; mas se tenho o atrevimento de o fazer, o menos que me pode suceder é levar uma boa data

de bordoadada por parte dos não menos bons guardas da ordem. Que mais? Concedem-me que pense livremente, como me aprouver, e no entanto bem sei que, apesar da abolição das leis sceleradas, os meus melhores irmãos, réus apenas do crime de aspirar a uma sociedade menos vil que esta, continuam a ser enviados para o «domicilio coacto». (Galileu Palla, Silvio Maiolini, Luís Burbassi, em Ustica; Luís Galleani, Emilio Santarelli, Serafim Mazzotti, em Pontellaria, etc. E nas outras ilhas? O governo dos homens de bem tratará disso depois!)

Grita-se pelos telhados que temos a faculdade de escrever e imprimir quanto nos vier à cabeça, e no entanto, bem sabemos desde já que sorte tocará a esta nossa folha modestissima, se, não por culpa nossa, cair no desagrado do Procurador régio.

E finalmente, acrescentarão, a justiça é igual para todos, e na verdade é tam igual para todos, que o juiz obsolverá o comendador, e a mim mandar-me-há para a cadeia por ter caído na parvoíce de roubar pouco; do mesmo modo que ontem o primeiro tribunal grego instituido em Cândia condenou o insurrecto que subtraíra uma espingarda com o nobre intuito de defender o país natal, e fechará amanhã ambos os olhos para os ladrões de alto bordo que saquearem a mesma pátria para cuja libertação elles em nada contribuíram.

Achamos, pois, que a questão a resolver é bem diversa da chamada questão de nacionalidade. Sentindo embora pelos que se insurgem contra a tirania turca muito mais sinceras simpatias que as que certos politicantes ostentam agora com intuitos de baixa especulação eleitoral, achamos que do problema económico depende a solução de todos os outros problemas e que os nossos esforços, materiais e morais, devem mirar a persuadir o proletariado de que elle não terá a verdadeira liberdade senão quando a riqueza social deixar de ser monopólio de poucos parasitas,

(14-3-1897).

Há muitas bocas que falam e poucas cabeças que pensam.— VITOR HUGO.

## O MEU E O TEU(\*)

ACTO INFANTIL DE

ADOLFO LIMA

João Luis — Pois não... não faça cerimonia! Só te deixo, grande patifona, quando estiveres ao pé da D. Albertina!

Julia — Não tenho medo! Não fiz mal algum.

João Luis — Não fizeste? minha santinha de pau carunchoso. É o que vamos ver!

Julia — Já se sabe que não.

João Luis (A 2) — Então, anda!

Julia — Irei se eu quiser! Arrastada, presa, como se tivesse praticado um crime, é que não vou!

João Luis — Hás de ir! Quer queiras, quer não!

Julia — Não vou, não vou!

João Luis — Se não vieres por vontade... vais à força. Ponho-te às ri-nhas cavalitas, como se fosses uma saca.

Julia — Não podes comigo.

João Luis — Quereres é poder! Faz favor de me obedecer.

Julia — Não!

João Luis — Bem! (*Tenta pôr às costas Júlia e levá-la. Lutam, caindo ambos no chão.*)

### SCENA VI

Os mesmos e todos os demais personagens

(*Ao entrarem e ao verem João Luis e Júlia no chão, correm todos a separá-los. Luisinho a 1; Maria a 2; Júlia no chão, a 3; João Luis no chão, a 4; Cacilda a 5; Noémia a 6; Antonio a 7.*)

Cacilda (A 4) — Então que é isto?

António (A 7) — Que foi?

Noémia (A 6) — Alguma do João Luis!

Cacilda — Vocês não teem juizo!

(*Conseguem afinal separá-los e levantá-los do chão a Júlia e a João Luis. João Luis passa a 6 e Júlia a 2.*)

João Luis (*Gritando*) Não a deixem fugir! Não a deixem fugir!... (*A Cacilda*) «Vocês» é muita gente junta. Ela, ela e só ela é que não tem juizo nenhum!... (*Passa à E. B. a 7*) Peor

(a) Continuado de número anterior.



do que isso! Não tem mesmo vergonha nenhuma!

Caçilda — Então, que foi?

João Luls — Olhem que ela foge!...

Julia (A 1) — Não fujo, não! Não tenho motivo para isso!

João Luls — É o que vamos ver.

Julia — Já se sabe que não!...

João Luls (Imitando-a) Já se sabe que não!... Velhaca! (Indo a ela e agarrando-a novamente) Anda comigo a D. Albertina!

Caçilda — Larga a rapariga!

António — Ela não te faz mal!

João Luls — Isso é que vocês não sabem! (Passa a 4).

María — Querem ver que matou alguém...

João Luls — Quase! Apanhei-a com a boca na botija! Apanhei-a a tirar plantas do meu canteiro.

Todos — Oh! Oh!

Julia — É mentira! É mentira!

João Luls — É verdade! É verdade! É verdadíssima!

Julia (A 3) — Mentas com quantos dentes tens na boca.

João Luls — É tão verdade como eu estar aqui!

Julia — Então, que tirei eu? Anda! Dize! Dize!

João Luls — Eu vi!

Julia — Que viste?

João Luls (A 4) — Eu conto a vocês o que se passou. Ontem à saída, conforme o meu costume, vim despedir-me das minhas flores e perguntar-lhes se queriam alguma coisa de mim, alguma coisa da rua... Olho para o canteiro e notei que a terra estava remexida! Alto! (Passa a 7) Disse eu comigo. Temos moiro na costa!... Resolvi ficar de atalaia e hoje apanhar o moiro!... E apanhei! (Passa a 3) Há bocado pus-me ali escondido, á coca... Vi, então, vir esta raposa manhosa, muito surrateira em direcção ao meu canteiro, de sacho em punho, abaixar-se e estender a mão... Como ela estava de costas não percebi o que fez, mas com certeza que não foi lá pôr nada... És capaz de dizer que não te apanhei ao pé do meu canteiro, quando tu estavas agachada, de mão estendida a tirar não sei o quê?... E para

prova, aqui está o sacho caído. É verdade, ou não é?

Julia — É verdade.

João Luls (Olhando para todos, triunfante) — Vêem? Ela confessou! com todo o descaramento!

Julia (A 3) — Mas é mentira que eu tirasse de lá qualquer coisa.

João Luls (A 7) — Parece impossível que depois de confessar, tenha o atrevimento de dizer que é mentira. Para que era o sacho?

(Continúa).

## Problemas de moral

### I

No opúsculo *A Itália Vermelha*, de Nino Battistone, lemos:

«Há poucos dias apareceu em Lugo da Romanha um inspector do governo para averiguar se nos estabelecimentos industriais era observada a lei sobre o trabalho das mulheres e crianças, lei pela qual tanto berraram os avançados no intuito de obter do Estado um freio à cupidez capitalista, à odiosa exploração, etc., etc.

«Numa fábrica trabalhavam crianças com menos de doze anos, mas o proprietário conseguiu escondê-las, de modo que o inspector achou tudo em regra. Um operário, porém, avisou o funcionário do truque arranjado pelo patrão, e aquele pôde então surpreender os menores e levantar ao industrial o bem merecido auto de infracção. Toda a gente suporá que os operários foram unânimes em louvar o companheiro, que se expusera à vingança patronal só para ver defendida uma das conquistas operárias no campo social. Pois nem por sonhos!

«Todos os outros fizeram greve protestando que não trabalhariam com um bufo, e o industrial teve que se decidir a despedir o denunciante, pagando-lhe algumas centenas de liras de indemnização, para obter que os outros voltassem ao trabalho. É espantoso!»

É na verdade espantoso; mas não precisamente pelos motivos que inspiram Battistone.

Esta repugnância que os trabalhadores sentem por quem denuncia, mes-

mo quando é no interêsse deles, contra o seu inimigo, é um sinal consolador de idealismo e de elevação moral, e é uma valiosa defesa contra o estabelecimento daquele estado servil, daquela renúncia à liberdade em troca de melhorias económicas, para que tende o socialismo estatal.

Os trabalhadores desejam naturalmente melhorar as suas condições, mas repugna-lhes instintivamente servirem-se para esse fim da acção do agente do govêrno, quer seja um policia, quer um inspector mandado pelo ministério. Deveriam, pois, conquistar os melhoramentos com a sua acção directa, e por si mesmos, com activa e constante vigilância, defender as suas conquistas.

Em vez disso — e é isto que nós achamos *espantoso* — os trabalhadores, nomeadamente nas regiões a que se refere Battistone, isto é, na Emilia e na Romanha, debatem-se numa perene contradição. Aplaudem o deputado que faz a lei e aborrecem o agente que a torna efectiva. E assim, primeiro são enganados e conduzidos pelos deputados, que lhes prometem «boas leis», as quais só servem para os impedir de tratarem de remediar por si mesmos os seus males; e depois, quando lá do parlamento se dignam enfim tomar em favor deles uma ou outra providência anódina, são os próprios trabalhadores que se esforçam para que não seja posta em prática.

É a incapacidade, em que se acha ainda a massa, de remontar às causas dos factos imediatos e de opor aos males remédios adequados, que aos governos serve de desculpa para imporem a sua dominação.

Vituperar a espionagem, sempre, em qualquer circunstância, é indício de nobreza de alma, de altivez de carácter. Repelir o concurso dos agentes do govêrno, mesmo quando, no caso particular, seria benéfica a sua acção, é sinal manifesto de que se aspira, seja embora confusamente, a uma sociedade sem govêrno e portanto baseada na harmonia dos interêsses e no livre acôrdo.

Mas para que estas repugnâncias e estas aspirações achem applicação geral

e consequente, e não sejam a cada instante desmentidas na vida prática pelos próprios que as professam, necessário se torna eliminar as causas que em certos casos torna útil a intervenção da autoridade e levam o povo a esquecer-se da sua essência opressiva e anti-social.

Destas causas, algumas estão intimamente ligadas a toda a organização social e só desaparecerão com a queda das instituições sociais presentes; mas outras dependem da acção dos individuos e dos grupos conscientes, e cada um de nós, cada trabalhador bastante desenvolvido para desejar a emancipação, pode contribuir para as destruir com a sua conduta cotidiana.

Se, por exemplo, um pobre aleijado é objecto dos insultos e pancadas dum valentão desejoso de desafogar a sua brutalidade, e o público, que assiste à scena, ri e acha graça, ¿que homem de coração ousaria condenar a vítima desgraçada, se ela recorre à protecção da policia?

Se vem a cólera e ninguém toma a iniciativa de organizar o serviço higienico e os socorros necessários, ¿quem poderá queixar-se, se o público invocar a providência da autoridade?

Se os patrões, ávidos e ferozes, exploram e maltratam os menores, e os operários adultos deixam fazer, ¿terão estes o direito de repelir o inspector que, sendo embora um agente assalariado do govêrno, disposto provavelmente a fazer tudo o que porventura o govêrno lhe ordene nocivo aos trabalhadores, se apresenta no caso sob as vestes simpáticas de protector da infância?

Para poder seriamente, consequentemente, aborrecer e negar a autoridade, teem os trabalhadores que se encarregar directamente da protecção dos fracos.

Então à autoridade restarão apenas as suas funções próprias, as que visam à defesa dos patrões e à opressão dos trabalhadores; e então os oprimidos verão claramente a sua natureza maléfica e tratarão de a destruir radicalmente.

# PELA JOEIRA

## Os «fortes»

O justicado Nicolau II, da Rússia, também tinha o seu diário. Em 14 de Março do ano passado, escrevia ele, a propósito dos acontecimentos revolucionários que se iam desenvolvendo:

«Vergonha e ignominia. Como deve ser terrível para a minha pobre Alice o viver sózinha estes acontecimentos. Que o Senhor nos acuda a todos!»

A cobardia destes fortes!

A sua pobre Alice! E quanto sofreram as pobres filhas dos desgraçados a quem elle mandava açoutar, desterrar, assassinar?

Nas *Memórias de Goron*, chefe da policia em Paris, encontra-se muito a propósito, esta edificante passagem, do julgamento de Casério:

Casério — Oh! os governantes matam e os soldados também; sabemos como.

Julz — Mas você não matou unicamente um chefe de Estado; assassinou também um homem honrado, um excelente esposo, um pai carinhosíssimo. Sobre este ponto de vista é um abominável crime de direito comum.

Casério — Os anarquistas executados também tinham família. Vaillant tinha mãe, uma irmã e uma filha.

Sim, todos nós temos entes queridos, a quem amamos, tão carinhosamente como os fortes o podem fazer. Mas como eles não concedem aos fracos o direito de amar, que admira que, quando estes querem, nem o Senhor possa valer aos fortes, como o tsar.

## Só contra todos!

Entre os telegramas contraditórios vindos da Rússia, chegou até nós o seguinte:

Paris, 16. — O *Matin*, recebeu um telegrama de Estocolmo, dizendo que o órgão oficial *Pravda* publica um co-

municado, dizendo que embora se encontre em estado de guerra com os anglo-franceses, a República dos «sóviets» jámais aceitará o auxílio da Alemanha oficial e lutará sózinha contra os novos inimigos, sem fazer qualquer tratado secreto com imperialistas. A República constitui uma nova frente especial, a da revolução mundial.—C.

Não sabemos, afinal, que acreditar: umas vezes dão-nos os bolxevikes a pedir o auxílio desonroso do imperialismo alemão; outras vezes, anunciam-nos o rompimento das relações entre os «sóviets» e a Alemanha oficial; por fim, vem o telegrama acima reproduzido, que nos dá a versão mais plausível, por ser conforme ao espírito da revolução russa.

Antes o esmagamento — aliás apenas transitório, deixando uma imperecível influência moral, fixando o sentido duma acção revolucionária — antes o esmagamento do que o monstruoso e infame conúbio com qualquer dos imperialismos.

## Os ex prisioneiros

Ainda sobre este ponto é curioso notar o que diz e desdiz, oculta e insinua a boa imprensa. Há tempos dizia-nos que os impérios centrais estavam preocupados com o regresso dos prisioneiros austro-alemães, que não o desejavam, que tomavam certas precauções. Os prisioneiros estavam imbuidos de espírito revolucionário, sendo muito activa a propaganda entre elles, pelo comício, o jornal, a brochura, etc.

Agora falam-nos de ex-prisioneiros alemães, soldados e oficiais, que na Rússia e na Sibéria combatem a contra-revolução nas fileiras maximalistas. E dão a entender que se trata de agentes alemães.

Mas não dizem que entre os pri-

sioneiros se acham precisamente os que, tendo pouco empenho em defender uma «pátria» que para eles é tirania e exploração, aproveitam a ocasião para se deixarem aprisionar, já que melhor não puderam fazer contra a opressão interna. Sobrevêm a revolução, e os prisioneiros, de acordo com as ideias que a inspiram ou pelo menos preparados para as compreender, batem-se desta feita com sincero entusiasmo, voluntariamente e sabendo o que querem.

Além do mais, provam que a sua rendição não fôra um acto de cobardia, e estão decerto dispostos a bater-se contra os seus próprios compatriotas, em defesa da revolução.

#### Um novo caso de Chicago

Firmada por uma «Comissão Geral de Defesa», lemos em *Tierra y Libertad* uma «carta aberta à classe operária» mundial, narrando as estupendas violências praticadas contra os militantes da associação sindical «Trabalhadores Industriais do Mundo» (I. W. W.) nos Estados Unidos.

Assassinatos, deportações em massa para lugares desertos, invasões e assaltos a domicílios, calúnias sem a menor base, tudo coroado por um monstruoso processo intentado a 166 trabalhadores, detidos nas prisões de Chicago — nas mesmas onde foram infamemente sacrificados os mártires de 1887, cuja inocência foi depois reconhecida.

No país do padre Wilson...

#### A democracia em perigo

Em Julho de 1917, reproduziu a imprensa as seguintes palavras, proferidas por Malvy, ministro do interior, na Câmara dos deputados francesa:

«A missão que me incumbe é a de realizar a paz social. Na hora entre todas angustiosa, em que o governo punha a sua confiança na classe operária, eu dei ordem para que não fôsse preso nenhum francês inscrito na lista dos supeitos. Julgam que eu poderia fazer qualquer política que não fôsse esta, que nos grangeou três anos de paz social? Sistema bem fácil, em verdade, é o que consiste em responder às reivindicações operárias com a po-

lítica e com o exército, sistema indigno de uma democracia que tem outros deveres a cumprir. Mutilar as leis republicanas, restringir as liberdades sindicais no momento em que todas as classes sociais se encontram nas trincheiras, confundidas no mesmo amor da Pátria... Não, meus senhores, não!»

Pois o autor destes democráticos processos de paz social — maneira hábil, aliás, de captar e amansar revolucionários cãndidos — foi pôsto no ôlho da rua, não só do ministério, mas da pátria ingrata.

E os jornais democráticos a berrarem, assustados, que é um desafio, uma bofetada na democracia e na união sagrada...

Triunfa a democracia no interior...

#### O preço

Da imprensa local:

«Paris. 16. — Os jornais dizem que o total das perdas alemãs, desde o princípio da guerra, sóbe a 6 milhões de homens, compreendendo 1.400.000 homens mortos até à ofensiva de março de 1918. De 27 de Maio a 17 de Junho os exércitos alemães tiveram em mortos 120.000 homens.»

Os alemães do seu lado avaliam as perdas dos Aliados em 25 milhões — mortos, feridos e prisioneiros, calculando por baixo, dizem eles.

Quanto à Rússia, segundo declaração do comissário da imprensa, em 15 de Julho último, teve na guerra quatro milhões e meio de mortos, seis de feridos e inválidos e três de prisioneiros.

É o preço das conquistas da Kultur, da Civilização, da Democracia, da Sociedade das Nações, etc.

Pelo preço, deveria sair obra rica. Mas estamos em dizer que, se o povo não mete directamente as mãos calosas na massa, havemos de ter assim uma coisa como o pão de segunda, feito de matérias incógnitas e ingraváveis, que não vale a centésima parte do que custa.

#### Ingratos

O *Seculo*, 21-8-1918, chama deprimemente ao protectorado no Egipto.

Será, será! Mas repare que é a In-

glatterra que ali o exerce, e é em nome da liberdade dos povos que ela... está em guerra.

### Presunção e água benta...

O deputado católico Pinheiro Torres disse no parlamento, entre outras barbaridades, que «cientificamente está demonstrado que não há moral perfeita sem ser religiosa».

Aquele «cientificamente» não está mal metido. Bem dizia Malatesta, no artigo publicado no nosso número de Julho. Todos invocam a Ciência, deusa benévola e complacente, tudo está «cientificamente» demonstrado, louvado seja o Senhor!

Valha-te Deus, santinho!

E que entenderás tu por «moral perfeita»? Sem dúvida, a moral do escravo para benefício do amo e eternização da escravidão, a moral inculcada pelo explorador e dominador ao explorado e dominado.

Cada um, cada classe plasma a sua moral de acôrdo com os seus interesses; e partindo dêste princípio, fácil lhe é expô-lo «cientificamente demonstrado».

A questão tôda está no bem ou mal fundado da base, homem de Deus!

### Só duma banda...

O sr. Costa Lobo reclamou no parlamento e o ministro do interior prometeu raios e coriscos contra os grevistas — desorganizadores, antipatriotas, bandidos.

A luneta astronómica do Sr. Costa Lobo focou apenas os operários. Quanto aos patrões, êsse é decerto por desinteressado patriotismo que tornam intermináveis as greves com a sua teimosia.

E lá foi reeditada a parvoíce de que as greves são posteriores ao «direito de greve» e são criação da lei!

Quem vos dera juízo!

### Um cumulo

De um jornal socialista recortamos o seguinte telegrama:

«União Operária Nacional — Lisboa. — O povo de Louzada fundou em grande reunião associação para corresponder apêlo do Presidente da Repú-

blica de acôrdo com a União Operária Nacional. Pede instruções.»

Antes que o presidente agradecesse e a U. O. N. protestasse contra o cumulo... da parvoíce, as instruções dadas foi para que prendessem o organizador. E vá que esteve com sorte... nestes tempos de pacificação.

### Direito á greve

Porque o secretário de Estado (ministro) do interior, declarou tencionar suprimir o direito à greve, logo associações de classe se apressaram a protestar contra a *ousadia*.

A que atribuir o receio das organizações protestantes? Hábito de protestar? Mas tôda a gente sabe, e o ministro de certo, que já se faziam greves antes que por lei fôsse concedido o *direito* de as fazer. Se o costume é lei, a que vem o receio de que de futuro seja retirado o *direito* de exercer um costume que já fez lei?

O mal todo estará em perder um bom costume, para se sujeitarem a um costume mau.

### Pobre Emilio

Emilio Costa, que acha conveniente não manter, e se aprás contradizer, tudo quanto sôbre a idea anarquista e acção operária escrevera anteriormente a 1914, escreveu para um jornal da Suíça o que entre nós não quis dizer.

Será para que não lhe ofereçam aqui, além de outros trabalhos seus, algum exemplar do seu folheto *Acção directa e Acção legal* e para que amigos nossos desistam de fazer uma edição em Portugal do tambem seu folheto *Carta aos Soldados*, que êle editou em Paris?

### A situação

Associações encerradas, militantes perseguidos e presos, a censura estendendo-se aos teatros, sôbre peças que na fradesca Espanha se representaram à vontade, a caça sistemática aos mais calmos adversários, é incontestavelmente uma situação péssima para todos.

É caso para dizermos: reacção, reacção!



## UTILIDADES PARA TODOS

### Agricultura e Horticultura

**Fertilização e Adubos.** — *Os estêrcos.* — (Continuação). — Para o cavalo, a quantidade de palha seca que, ordinariamente, necessita para o seu leite, deve ser, pouco mais ou menos, equivalente á forragem que consome. O gado bovino não exige tanto; e os porcos menos ainda, pela grande liquidade dos seus escrementos. Enquanto aos carneiros, o seu estêrco costuma ser muito enxuto e o leite que se lhe prepara só serve para recolher as orinas.

O estêrco que se recolhe dos estábulos deve amontuar-se a coberto, porque a chuva o aguaría, tirando-lhe o valor. O solo do estêrco deve ser ligeiramente concavo ao centro, e por conseguinte ligeiramente inclinado. No centro deve construir-se uma cloaca ou cano, com muro de cimento de um metro de profundidade, tapado na sua desembocadura por uma grade de madeira resistente, que não dê passagem á materia e para que se possa tirar o líquido filtrado pela massa de estêrco. Procurar-se-há, além disso, que por meio de um tubo ou conduto coberto, se conduza ao monte de estêrco a água de um poço ou de um rêgo para o poder banhar quando convenha. Quando se veja que o estêrco amontoado se reseca, o que sucede com frequência, banha-se com água, dirigindo-a á parte mais alta do monte.

Em um monte de estêrco assim preparado, facilmente se aviva a fermentação; reseca-se evaporando a parte aquosa e escapam-se várias espécies de gases; o seu volume diminue sensivelmente e a matéria tende cada vez mais, pela sua decomposição, a converter-se em uma massa homogénia.

Um estêrco de cavalariça, sem excesso de palha, obtido de cavalos ali-

mentados com aveia, contém, no momento em que começa a fermentar, 60 por cento de água, 30 por cento de matérias orgânicas e 10 por cento de matérias inorgânicas. Quando está seco contém 20 por cento de azote, segundo se observa na maioria dos estercos.

O estêrco fermentado perde uma grande proporção de azote, que se escapa em estado de amoniaco. Para evitar a separação de tão precioso elemento, é conveniente misturar com a massa em decomposição alguns sulfatos que, dividindo-se, retenham o amoniaco. O sulfato de ferro, (vitriolo verde) dissolvido em água, adopta-se com bom resultado para este fim.

(Continúa).

### Artes e Indústrias

24. *Soldadura a baixa temperatura.* — Há objectos que não podem resistir a temperaturas elevadas. Para os soldar empregue-se o seguinte processo: Em um gral de porcelana mistura-se cobre em pó com ácido sulfúrico concentrado. Obtem-se este cobre precipitando a dissolução de sulfato por meio do zinco.

Tomem-se 30 a 36 partes de cobre, segundo o grau de dureza que se deseja, e ajunte-se, agitando sempre, 10 partes de mercúrio. Concluída a amalgama, lava-se com água quente para lhe tirar todo o ácido deixando-se depois esfriar.

Quando seja preciso utilizar esta composição, aquece se, até que tome a consistência da cera, e estende-se sobre as superficies que se querem unir. Ao esfriar obtem-se uma aderência muito forte.

15. *Cobre para fundição.* — Uma revista dá como fórmula excelente uma mistura a que chama soldadura, de 3,20 quilos de cobre, 1,36 de zinco,

120 de estanho e 90 de chumbo; a mistura assim obtida oferece uma grande resistência.

26. *Inscrições sobre cristal.* — Dissolvem-se em uma vasilha 36 gramas de cloruro de sódio, e 7 de sulfato de potassa em 500 gramas de água. Em outro dissolvem-se 14 gramas de cloruro de zinco em 500 de água e 65 de ácido clorídrico. Quando se querem usar, misturam-se estas duas soluções em partes iguais, e escreve-se sobre o cristal com uma pena ou pincel molhado na mistura.

#### Higiene e medicina

21. *Insolação.* — Locionar a cabeça com água avinagrada. Aplicar cataplasmas de amido frio. Administrar café frio.

Para deter as insolações é um meio de exito quase constante. Enquanto se sentir a dor, lavar a cabeça com aguardente, várias vezes, e o mal desaparecerá.

22. *Dores nos ouvidos.* — Introduzir no ouvido um saquinho de farinha de aveia, injeções mornas de azeite de amêndoas doces; ferver duas cabeças de dormideiras em pouca água, apoiar a cabeça sobre o lado não dolorido, e verter no ouvido doente uma colherada deste cozimento morno, conservando-o assim um bom bocado, repetindo a operação várias vezes por dia.

Veja-se também a receita n.º 86, a páginas n.º 379, do 1.º volume.

23. *Purgante de sal amargo:*

Sulfato de magnésia....	30 gramas
Água .....	200 "

#### Várias

19. *Destruição das pulgas.* — Burri-far as fendas do sobrado da habitação com água em que se tenham dissolvido 500 gramas de caparrosa branca.

20. *Outra.* — Colocar umas pitadas de pó de raiz de pelitre sobre os colchões, etc.

Veja-se também as receitas n.ºs 2 e 61 a páginas 14 e 284 do 1.º volume.

21. *Destruição das formigas caseiras.* — As formigas caseiras são geralmente muito pequenas e exterminam-se facilmente pondo alguns bocados de fel de vaca nos pontos que elas

procuram, três ou quatro vezes, sacodem-se estes bocados num vaso contendo água e um pouco de azeite, conseguindo-se assim matar milhares de formigas.

22. *Outra.* — Deitar num copo até meio, quantidades iguais de xarope de amêndoa, goma e água, põe-se o copo no ponto frequentado pelas formigas tirando de lá tôdas as demais provisões que poderiam atraí-las. No dia seguinte está morta enorme quantidade de formigas.

Vejam-se também as receitas n.ºs 24 e 55, a páginas 126 e 255 do 1.º vol.

#### Cullnária

23. *Sopa milanese.* — 50 gramas de manteiga de vaca e uma meia colher de farinha a alourar numa caçarola, deita-se em meio litro de caldo, pimenta, sal e noz moscada. Deixa-se ferver 20 minutos, depois deita-se 35 gramas de queijo parmesão raspado e misturado com uma gema de ovo e meio decilitro de leite. Quase à hora de ir para a mesa, deita-se alguns bocados de macarrão cortados em bocadinhos.

24. *Ovos recheados.* — Cozem-se dez ou doze ovos, descascam-se e partem-se ao comprido; tiram-se-lhes as gemas. Com estas trituradas, alho, salsa, pimenta preta, sal e um ovo cru, faz-se uma massa com a qual se enche o espaço ocupado por cada meia gema tirada; passa-se por farinha e frige-se, fazendo umas pequenas almondegas com a massa restante, que também se frige e põe-se-lhes com o azeite em que se frigiram dois copinhos de caldo e um de água; faz um mólho com alho, salsa pisada, pão frito ou amêndoas, para lhes dar o necessário aveludado.

25. *Claret Cup.* — É bebida americana, de gosto delicadíssimo, e consiste de: uma garrafa de Colares ou Bordeaux; duas garrafas de sôda Water; um copo de marrasquinho; meia noz moscada; quatro colheres de açúcar em pó e gelo.

O copo de marrasquinho pode substituir-se por qualquer outro licor, podendo assim variar-se até ao infinito o gosto especial desta bebida.

## As greves em PORTUGAL

Segundo as nossas notas, durante o mês de Agosto declararam-se em Portugal as seguintes greves:

De Chapeleiros, da Companhia Lisbonense, em Lisboa, contra o novo horário estabelecido no dia 1.

De Mecânicos, na fábrica Miranda, na Granja, por solidariedade contra o despedimento de quem desejava organizar uma associação.

De Mineiros, em S. Pedro da Cova, para evitarem a saída do gerente técnico da mina.

De Leiteiras ambulantes, em Coimbra, contra um novo imposto criado pela Camara Municipal.

De Tecelões, da Fábrica Fino & Roseta, na Covilhã, para melhoria de situação.

De Trabalhadores do corte de madeiras, da casa Judice Fialho, em Portimão, para aumento de salário.

De Operários da Construção Civil, em Viana do Castelo, para aumento de salário.

De Ferro-Viários da Companhia Portuguesa, parcial, como protesto contra a prisão de alguns dos seus membros, vítimas dos «caceteiros do Norte».

## Auxilio Á SEMENTEIRA

Para ajudar a manter a existência desta publicação, recebemos de bons e dedicados camaradas o seguinte:

Beja — M. A. Rodrigues .....	§40
Colecção da «Conquista do Pão» .....	§10
Lisboa — A generous boy .....	§20
» — B. Domingos .....	§50
» — C. P. ....	§50
» — Grupo «A Vero», 25 % da recita promovida em Junho. ....	5§81
» — L. Macbado, as fotografias de Buiça, Costa e Morral. ....	§30
Pará (Brasil) — União Geral dos Tra- balhadores, de exemplares do «Onze de Janeiro» .....	§28
Porto — A. F. Silva .....	§03
» — A. J. Brito .....	§65
S. Paulo (Brasil) — S. Moya .....	2§00
Torre Vã — F. Nascimento .....	§04

Soma..... 10§81

## Aos amigos d'A Sementeira

No principio do ano passado, recorremos a papel mais ordinário do que até então empregavamos, por causa da sua carestia.

Agora, este, que antes da guerra custava 1§40 por mil exemplares, tornou-nos, para este número, 10§54.

## BROCHURAS DE PROPAGANDA

		Centavos
Delaisi	Os financeiros, os políticos e a guerra .....	5
Delessalle	A Confederação do Trabalho	3
Dias	Semeando para colhêr. ....	2
Gori	A Anarquia perante os tri- bunais. ....	5
Krapotkine	Os bastidores da guerra. ....	3
»	Um seculo de expectativa ..	5
»	A conquista do pão .....	40
»	Palavras dum revoltado ..	40
»	A grande revolução (2 v.)	80
Landauer	A Social Democracia na Ale- manha .....	2
Libertas	O rei e o anarquista .....	3
Malatesta	Em tempo de eleições ...	2
»	A politica parlamentar no movimento socialista. ....	2
»	No café. ....	15
Prat	A burguesia e o proletariado	4
Silva	Teatro livre e arte social ..	2
Um de nós	A Canalha .....	15

A SEMENTEIRA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc. .... 30

Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ótima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto §50, encadernado. 1§00

Alegria à obra de Ferrer, em papel couché 10

FOTOGRAVURAS (em papel couché), de Bakunine, Berthelot, Caffero, Curie, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Grave, Lorenzo, Morris, Paepe, Proudhon, Reclus, Spiridinoff, Stepniak, Sudermann, Tolstoi e Jornada de 28 de Maio de 1871 — cada..... 2

Satisfazem-se todos os pedidos de publicações quando acompanhados das respectivas importâncias. Os pedidos de, pelo menos, 100 exemplares, editados pela nossa Biblioteca, terão 80 por cento de desconto.

## A SEMENTEIRA

(2.ª Série)

AVULSO, 3 CENTAVOS  
POR ASSINATURA

Em Portugal, um ano..... §36 centavos  
Noutros países, um ano..... 2,50 francos

As assinaturas devem ser pagas adiantadamente. Quando tiverem de ser mandadas cobrar pelo Correlo, teremos que lhe aumentar a despesa a fazer com a cobrança. Toda a correspondência deve ser dirigida à

Administração d'«A Sementeira»  
CAIS DO SODRÉ, N.º 88  
LISBOA — PORTUGAL